

Mundo



IMUNIDADE DE TRUMP

Suprema Corte pode atrasar veredicto

Decisão deixar a para depois de novembro caso de interferência na eleição

FOLHA
ACQUIRIR
O CONTAR
FOLHA
O VER CODE

Los Angeles. Protesto na Universidade da Califórnia: "Parem o genocídio"



Nova York. Manifestantes em Columbia defendem liberdade de expressão



Atlanta. Alunos são levados presos durante protesto na Universidade Emory

CAMPI PELA PALESTINA

Protestos anti-Israel crescem em universidades dos EUA, apesar de repressão e denúncias

JERUSALEM, 26 DE ABRIL DE 2024

Mesmo sob uma repressão policial que resultou na prisão de mais de 400 pessoas desde a semana passada, protestos pró-Palestina continuam a ganhar corpo em universidades americanas. Estudantes montaram acampamento em mais de 20 instituições de ensino superior, espalhadas por ao menos 14 estados, para pressionar por um cessar-fogo imediato na Faixa de Gaza e cobrar medidas de suas reitorias para cortar laços com empresas que apoiam a guerra de Israel contra o grupo terrorista Hamas no enclave palestino, onde mais de 34 mil pessoas já morreram.

Mais de 100 manifestantes foram presos entre a noite de quarta-feira e a madrugada de ontem no campus de Emerson College, em Boston, onde estavam acampados desde domingo. A polícia realizou uma operação para desmontar o acampamento, mas houve resistência. Quatro policiais teriam ficado feridos.

AMEAÇAS DE EXPULSÃO

Também ontem, houve confronto entre policiais e manifestantes na Universidade Emory, em Atlanta. Segundo testemunhas, agentes dispararam balas de borracha e usaram spray de pimenta para dispersar um grupo que montava acampamento. Estudantes e ativistas dizem que ao menos 20 pessoas foram presas — entre elas a chefe do Departamento de Filosofia da instituição, Noelle McAfee, afirmou a TV Atlanta News First.

A polícia negou uso de balas de borracha, mas admitiu o uso de spray de pimenta. Em nota, a instituição disse que o movimento ativista não estava associado à escola, embora "membros da comunidade Emory tenham se juntado" a ele.

Ao New York Times, uma porta-voz da universidade disse que os protestos são "uma tentativa de atrapalhar nossa universidade" e que Emory "não tolera vandalismo ou outras atividades criminosas no campus". Na Universidade Princeton, em Nova Jersey, estudantes montaram um acampamento, exigindo o boicote acadêmico e cultural a Israel, um cessar-fogo em Gaza e



Austin. No campus da Universidade do Texas em Austin, estudantes enfrentam policiais, com pelo menos 54 pessoas sendo detidas: "Salvem Gaza", diz cartaz

o fim das pesquisas para o desenvolvimento de armas. O grupo pediu o encerramento de intercâmbio com a Universidade Tel Aviv e Universidade Hebraica de Jerusalém.

"Apesar da sintomática repressão às vozes pró-palestinas, os estudantes vão continuar a defendê-los", disseram os universitários em nota.

Na véspera, uma vice-reitora emitiu comunicado no qual defendeu o "robusto compromisso com a liberdade de expressão" na universidade, mas também ameaçou prender, suspender e até expulsar estudantes envolvidos em atos como protestos de grande porte e acampamentos.

Responsáveis pela administração de universidades do Texas à Califórnia agiram para dispersar os manifestantes e impedir que acampamentos se estabelecessem em seus próprios campi, como ocorreu na Universidade Columbia, em Nova York, mobilizando a polícia. Em Los Angeles, 93 manifestantes foram presos no campus da Universidade do Sul da Califórnia (USC).

Uma operação similar foi realizada também na quarta-feira, no campus da Universidade do Texas em Austin. Segundo as autoridades estaduais, 54 pessoas foram detidas. O governador Greg Abbott disse no

X (antigo Twitter) que "estudantes que participam de protestos antisemitas cheios de ódio em qualquer faculdade ou universidade pública no Texas deveriam ser expulsos". Diante do aumento dos protestos, o presidente Joe Biden disse, por meio de uma portavoza, que "apoia a liberdade de expressão, o debate e a não discriminação nos campi".

—Acreditamos que é importante que as pessoas possam se expressar pacificamente. Mas quando há uma retórica de ódio, quando há violência, temos que denunciá-la — afirmou Karine Jean-Pierre em coletiva na Casa Branca.

NA CORDEBAMBA Os esforços para cobrir as manifestações não estão alcançando um efeito dissuasório no movimento. Desde que os primeiros estudantes foram presos em Columbia na semana passada, os protestos se espalharam para outras instituições. Enquanto as polícias da Califórnia e do Texas prendiam manifestantes, na quarta-feira, centenas de alunos de Harvard, na Costa Leste dos EUA, reuniram-se para protestar contra a suspensão de um comitê de solidariedade à Palestina e montaram acampamento nos jardins.

Como um movimento am-

PROTESTOS PRÓ-PALESTINA NOS EUA

Manifestações em campi universitários pedem desde o rompimento com empresas que mantêm negócios com Israel a cessar-fogo imediato



plu, muitas declarações e pautas diferentes foram defendidas ao longo dos dias. Em comum, o apelo para que as universidades rompam laços financeiros com empresas ligadas a Israel e para que os EUA ponham fim à ajuda militar ao país. Também exigem que seja garantida liberdade de manifestação nos campi das instituições, sem perseguição aos estudantes.

As administrações dos campi, por outro lado, têm camuflado na corda bamba entre a defesa da liberdade de expressão e a manutenção da ordem. Algumas instituições suspenderam aulas presenciais, enquanto outras sugeriram a professores e alunos utilizarem meios digitais para não prejudicar o semestre.

Outra problemática envolve a intimidação de estudantes judeus, fato denunciado pelo presidente da Câmara dos Deputados, o republicano Mike Johnson, na quarta-feira, em visita a estudantes de Columbia que dizem ter presenciado atos de antisemitismo.

Colocaram um alvo nas costas dos estudantes judeus nos Estados Unidos — disse Johnson, ameaçando utilizar a Guarda Nacional, caso a situação não seja controlada.

NETANYAHU PRESSIONA

Na quarta-feira, o premier de Israel, Benjamin Netanyahu, comparou os protestos "ao que aconteceu nas universidades na Alemanha nos anos 1930", uma referência ao período de crescimento do nazismo, edisse que "tem que haver mais" ação contra os protestos.

Já políticos progressistas, como a deputada democrata Alexandria Ocasio-Cortez, de Nova York, criticaram a forma como as universidades estão lidando com os protestos.

"Chamar a polícia para manifestações não violentas de jovens estudantes no campus é um ato crescente, imprudente e perigoso", escreveu ela no X na terça-feira.

Organizações estudantis à frente dos protestos negam haver antisemitismo e alegam que estudantes judeus fazem parte de alguns dos atos. "Rejeitamos firmemente qualquer forma de ódio ou intolerância", escreveu a organização Estudantes de Columbia pela Justiça na Palestina, criticando "indivíduos incendiários que não nos representam".